

CEDI - P. I. B.
DATA 21 - 06, 1988
COD 0MD 00 100

A GUERRA QUE ENFRENTAMOS NO ACRE

A sucessão governamental no Acre realiza-se como desenlace de uma conjuntura que teve sua gênese início dos anos 70. Até aquela época, com uma economia extrativista baseada na exportação da borra-cha e da castanha, o Acre mantinha praticamente intacta sua floresta na qual viviam e trabalhavam milhares de famílias de índios e seringueiros. Em 1971, o governo estadual (Wanderley Dantas), em sintonia com o governo Médici e cumprindo as determinações militares para a ocupação da Amazônia, alardeou em nível nacional as vantagens de se "investir no Acre". Extensas áreas de terra foram compradas por poucos investidores e muitos especuladores do centro-sul do país que, incentivados por financiamentos e facilidades fiscais, passaram a desenvolver projetos de pecuária extensiva.

Como componente indispensável na introdução da pecuária, o desmatamento em larga escala chegou ao Acre. O conflito se formou entre fazendeiros (conhecidos regionalmente como "paulistas") e os seringueiros, posseiros secularmente instalados nas matas do Acre. Os resultados econômicos da atividade pecuária até hoje não justificam todo o apoio recebido dos diversos governos, mas seus resultados sociais são visíveis: o êxodo rural sem precedentes fez com que a capital do Estado quintuplicasse sua população em pouco mais de dez anos, num ritmo que não diminuiu nos anos seguintes. Hoje Rio Branco é uma cidade extremamente violenta, com um enorme déficit habitacional e de serviços sociais básicos. Vive-se uma verdadeira guerra urbana.

Os métodos de "limpeza" das propriedades rurais foram os mais violentos. Incendiar barracos era prática comum. O único resultado positivo do conflito, em toda a década de 70, foi a reação dos trabalhadores, que formaram sindicatos rurais em todos os municípios. Na década de 80 o movimento diversificou seus métodos e atingiu dimensões inimagináveis. Transcendeu a órbita do movimento sindical, criando o Conselho Nacional de Seringueiros (1985), ganhando adesão de importantes movimentos urbanos e, mais recentemente, conquistando aliados internacionais.

Mas foi também na década de 80 que várias lideranças foram assassinadas: Wilson Pinheiro, Antonio Calado, Jesus Matias, Hivair Higinio, principalmente depois de 1986, ano em que se organizou a UDR no Acre. Mas foi em 88 que o movimento sofreu sua maior perda com o assassinato do líder sindical Chico Mendes. Após talvez uma inesperada repercussão mundial, a UDR assumiu disfarces, seus defensores de outrora negaram em público ligações com a entidade, numa espécie de recuo tático. Somente agora a UDR se reorganiza publicamente, sem ligações oficiais com personalidades e partidos políticos.

Extra-oficialmente, no entanto, a sua representação política está ainda mais forte.

ELEIÇÕES

A atual eleição é decisiva, tanto para os setores ligados a UDR, às grandes empreiteiras e outros setores de intervenção econômica na Amazônia, quanto para as antigas oligarquias. Mais decisiva ainda para os setores populares e progressistas. Estes após o apoio expressivo à candidatura de Lula na eleição presidencial, estão representados nas eleições deste ano por uma candidatura com reais chances de vitória, pela primeira vez na história dos partidos que compõem a coligação (Frente Popular do Acre) há uma articulação em torno de uma candidatura, PT, PC do B, PDT, PV, PCB que tentam ainda conseguir a adesão do PSDB.

Os setores economicamente dominantes estão aparentemente divididos. Latifundiários através da UDR, Grandes comerciantes através da Associação Comercial, empresários da incipiente indústria local através da FIEAC, grandes empreiteiras (Mendes Júnior, Ecobrás, Ego), além das redes de rádio e televisão que dão ao discurso da direita 12 veículos de massa apenas na capital, todos estes setores estão aparentemente dispersos na campanha eleitoral entre vários partidos de direita: (PDS, PFL, PMDB, PL, PRN e outras siglas de aluguel). Mas se estão aparentemente divididos, na verdade se afinam perfeitamente na defesa de um projeto global para o Acre. Um projeto que tem no latifúndio seu totem sagrado e na pecuária extensiva e exportação madeireira seu ritual macabro. Seu sonho é a imediata pavimentação da BR 364, que defendem cegamente como saída comercial para o pacífico, sem medir consequências nem preocupar-se com os cuidados ambientais e sociais que uma obra dessa envergadura exige. Querem exportar madeira para o Japão. Apresentam seu projeto para a população do Acre como a redenção, o rompimento com o velho, a opção pelo moderno e pelo progresso.

As oligarquias e até os modernos monopólios estão, pasmem, hegemônicos pela UDR. Seu candidato é o Deputado Federal Rubem Brinquinho, do PL. Foi eleito pelo PMDB em 86 com apoio explícito da UDR, cujos churrascos e leilões frequentava, sempre com discursos agressivos contra ecologistas, sindicalistas e setores da esquerda, apontados como os inimigos do progresso. Teve nota 01 (um), na Constituinte, pela avaliação do DIAP. Havia sido secretário de transportes do governo Nabor Júnior (83/87), no qual notabilizou-se pelas denúncias de corrupção de que foi alvo e pelo empenho em defender projetos absolutamente contrários aos interesses de índios, seringueiros e movimentos sociais urbanos. Queria estradas pavimentadas e, coincidentemente

comprava terras em suas margens. Está na frente nas pesquisas de opinião pública, mediante uma ampla campanha onde não faltam o aliciamento com dinheiro, uma eficiente estratégia de marketing e amplas doses de cinismo. Se as eleições fossem hoje, esse integrante do centrão seria o governador do Acre. Nesse caso, se Chico Mendes não se erguesse do túmulo, enterrar-se-ia ainda mais fundo.

Mas a investida da UDR para ganhar o poder executivo no Acre seria mais que um golpe de sorte. Correspondendo à sua penetração e domínio no terreno econômico, os setores que se articulam em torno dessa sigla ganharam espaço político nos últimos dez anos. Elegeram vereadores, deputados estaduais e federais, infiltraram-se na administração pública. Recentemente indicaram seu principal advogado para uma vaga de desembargador, felizmente preenchida com outro nome da OAB-AC, em meio a uma polêmica que ganhou as páginas dos jornais. Este ano querem reeleger seus deputados federais (Alércio Dias e Narciso Mendes ambos do PFL e Francisco Diógenes do PDS), elegerem outros e aumentarem sua representação na assembleia estadual, além do seu projeto central de ganhar o governo do Estado. O candidato a governo, Branquinho, concorre pelo PL com vice do PRN. Tenta fechar uma alinça com o PSDB, partido no qual ele infiltrou membros de seu grupo na fase inicial de estruturação.

PERSPECTIVAS

Se conseguirmos realizar uma campanha que articule todos os setores aliados dos povos da floresta na luta que se desenvolveu nos últimos vinte anos, se conseguirmos sensibilizar não apenas a parcela do eleitorado que votou com Lula mas mesmo os setores que votaram no Collor como forma de recusa aos partidos tradicionais, estabeleceremos uma polarização com o candidato da UDR. Vale ressaltar que esse candidato é Branquinho atualmente. Não temos dúvidas de que a "sintonia fina" dos setores dominantes identificará em outro candidato a viabilidade de seu projeto no momento em que a candidatura Branquinho se mostrar incapaz de chegar a vitória. Mas o que está acontecendo agora é que PDS e PMDB não estão conseguindo dar respostas à altura da situação, expressam com suas candidaturas o desgaste da máquina administrativa (PDS na Prefeitura e PMDB no governo do Estado) e a debilidade e decadência das velhas oligarquias herdeiras do coronelismo. Por isso, somos o outro polo da disputa.

Nosso projeto é a antítese do "deles". Defendemos intransigentemente as reservas extrativistas como base para a reorganização fundiária e econômica da região, um modelo de desenvolvimento que contemple os interesses de seringueiros, índios e ribeirinhos os direitos dos trabalhadores em geral o respeito a cultura de nosso povo e a conservação de um meio ambiente adequado à nossa vida e das futuras gerações. Ao

mesmo tempo, nossa proposta implica no abandono de formas atrasadas e pouco inteligentes de aproveitamento dos recursos naturais em favor de uma economia florestal moderna, auto-sustentável, que implica em pesquisas avançadas e na busca de tecnologias sofisticadas de que nem o Brasil hoje dispõe. Mas sabemos que temos vínculos nacionais e internacionais que nos permitem sonhar assim.

Nossa coligação une forças e apresenta uma candidatura com capacidade visível de crescimento. Mas enfrentamos a UDR, entre outros monstros no pântano da política local. Essa situação poderia ser mais um confronto provinciano num canto qualquer do Brasil. Mas não há mais províncias no Brasil. O Acre é hoje um Estado estratégico. Está situado na última grande floresta tropical do mundo, justamente na faixa de maior variedade biológica. Fica exatamente a meio caminho entre o Brasil e o oceano Pacífico. E é o lugar onde os povos da floresta alcançaram o maior nível de organização política. Por essas características peculiares, o Acre simboliza hoje o dilema amazônico. E a Amazônia simboliza hoje o dilema da humanidade. A discussão sobre o seu futuro condiciona hoje até mesmo o debate sobre a dívida externa brasileira. Por isso temos consciência de que a luta não é só nossa. A guerra que aqui travamos diz respeito ao futuro da humanidade.

TAREFAS

Não aceitaremos a responsabilidade solitária por uma eventual derrota, frente a UDR de um movimento edificado muitas vezes com sangue. Julgamos ser um imperativo ético o envolvimento dos diversos setores nacionais que lutam pela preservação da Amazônia. Os partidos políticos que compõem a Frente têm responsabilidade dobrada.

As maiores lideranças nacionais dos Partidos Progressistas, especialmente as que ganharam evidência com a eleição presidencial, tem uma palavra a dizer acerca da Amazônia para o povo brasileiro. A vinda regular de personalidades e lideranças para as atividades da campanha eleitoral, a divulgação na grande imprensa da situação atual do Acre e da Amazônia, a denúncia do perigo que estamos correndo, são ações importantes para construir uma rede de solidariedade. Toda ajuda material é importante. Precisamos confeccionar cartazes, adesivos, camisas etc. Precisamos até mesmo de dinheiro para pagar passagem, alugar ou comprar aparelhagem de som, remunerar profissionais, enfim fazer uma campanha com um grau mínimo de alcance diante de adversários que tem ônibus na porta e avião no aeroporto na hora que querem.

Uma tarefa particular, extremamente necessária às direções nacionais dos nossos partidos é o estabelecimento de um diálogo com a direção nacional do PSDB. Um diálogo transparente, sincero e duro. O

5

PSDB tem sido um aliado da luta dos povos da floresta. O deputado Fábio Feldman veio duas vezes ao Acre; na primeira conversou com Chico Mendes, na segunda viu a dor de sua morte. Defendeu avanços fundamentais no tratamento do problema ambiental. Seria no mínimo uma assimetria uma coligação do PSDB com aqueles que direta ou indiretamente contribuíram com o assassinato de Chico Mendes.

Apelamos para que a criatividade política de todos seja colocada, com a descoberta de formas renovadas de solidariedade, a serviço de um compromisso ético com a luta do povo do Acre. Apelamos para a compreensão da importância dessa luta para o futuro da Amazônia e da humanidade. Este documento não dá conta da complexidade da situação. Mesmo com descrições e projeções que possam ser consideradas apocalípticas, julgamos extremamente difícil resumir o que está sendo aqui decidido ao final dos últimos vinte anos de luta. Mas temos a certeza de que scremos entendidos e enviamos a todos,

as nossas saudações.

Rio Branco, maio de 1990.

FRENTE POPULAR DO ACRE

A GAZETA 20/10/1989

Terror

A UDR, que antes da eleição era uma sigla paparicada por políticos, depois da morte de Chico Mendes passou a ser evitada pelos mesmos políticos como o vampiro evita a cruz.

As recentes declarações do deputado federal Rubem Branquinho, alegando averião a UDR, só dão mesmo para arrancar gargalhadas, visto que o parlamentar tem sua base de atuação política centrada no apoio do empresariado rural.

A GAZETA 26/10/1989

GAZETINHAS

- A Polícia Federal precisa investigar essa notícia de que o deputado Rubem Branquinho ainda tirando moço de reservas indígenas em Fajó. Isto é crime.
- Entende-se por que Branquinho, recentemente, comprou cinco avôes novinhos em folha.

A GAZETA

31-12-88

Expulsão

O deputado federal Rubem Branquinho será expulso do PMDB na primeira reunião que o partido fizer no mês de janeiro pelas suas ligações estreitas com a UDR, entidade da qual é integrante.

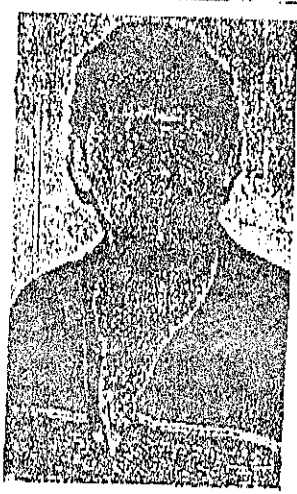
O senador Aluisio Bezerra encaminha movimento no sentido de expulsar dos quadros do PMDB todo o pessoal ligado direta ou indiretamente à UDR.

A GAZETA - 31-12-88

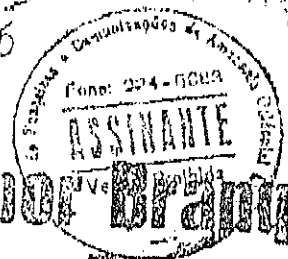
Por terra

Esta série de fatos envolvendo a participação de fazendeiros na morte do sindicalista Francisco Mendes, coloca praticamente uma pá de cal em qualquer tentativa do deputado federal Rubem Branquinho (foto) em querer ser Governador do Estado, pela ligação estreita que mantém com este pessoal, aos quais representa na Câmara Federal.

É não venha o Branquinho negar que é um político a serviço desta gente.



Folha do Jace 17/10/85



Compra de avião por Branquinho gera denúncias na Assembléia

Foto: Banco de Dados



Ruben Branquinho

A sessão de ontem na Assembléia foi dedicada praticamente ao avião do secretário

rio Ruben Soares Branquinho dos Transportes. Os deputados do PDS, Narciso Mendes,

Felx Besteno e Edgar Fontes levantaram suspeitas sobre a compra deste monomotor, preocupados em saber como o secretário teria comprado. Entende Narciso que este avião fora adquirido com dinheiro dos cofres públicos, porque no seu entender Branquinho teria que ter feito alguma para que seus vovôzinhos rendessem ao ponto de comprar um avião por Cr\$ 600 milhões.

Edgar Fontes, estirando da tribuna um grito de denúncia, apresentou fotocópias de planos de voo, vasado da Infraero, em que aparece o nome do Secretário dos Transportes como proprietário do monomotor Sertanejo. Ele acredita que Branquinho para fazer essa proeza teria ganho na lotaria ou recebera uma grande fortuna como herança. Somente nestas duas hipóteses é que Branquinho teria condições de possuir um avião, admite Edgar.

A Folha entrevistou ontem à noite, o Secretário dos Transportes, no Distrito Federal, para se posicionar diante dessas graves críticas. Ele respondeu de só jeito: "O avião é meu comprado com meu dinheiro no dia 2 de junho de 1982 por Cr\$ 12 milhões. Isso antes do dia 15 de novembro daquele ano em que o PDS foi varrido do poder". (Pág. 2).

Aere val receber imagens diretas do satélite Brasilsat

Com a presença do Ministro das Comunicações, Antônio Carlos Magalhães, a delegação aprovou encabeçada pelo governador Nabor Júnior, além do deputado federal Geraldo Figueiredo,



Cumprindo seu dever

ANO III - N.º 100 - RIO BRANCO, QUINTA-FEIRA

Deputados querem saber como Branquinho comprou seu avião

O plenário da Assembleia Legislativa foi sacudido ontem pelo roque do avião do Ruben Soares Branquinho, Secretário de Transportes, que os pedesistas — Narciso Mendes, Edgar Fontes e Félix Bestene — insistem em que fora adquirido com recursos dos cofres públicos. Narciso, o mais exaltado, admitiu que a Setran era caso de polícia, classificando o Secretário, na sua oratória, de "safado" e outros adjetivos impublicáveis, sob o sorriso trônico do presidente interino Manoel Machado.

MILAGRE

Narciso quer saber como Branquinho comprou um avião com esse ordenado de Secretário de Estado, que não ultrapassa a casa dos Cr\$ 10 milhões mensais, e o aparelho está custando em torno de Cr\$ 800 milhões. Ele quer descobrir o "milagre" que o Secretário fez para adquirir um avião em três anos de governo. Acredita que Branquinho seja intocável e não será um simples "roubinho" de um avião que vai desestabilizá-lo da Setran.

INFRAERO

O deputado Edgar Fontes, balançando da tribuna uma massaroca de fotocópias, esbravejava que tinha a prova de corrupção nas mãos. Esses documentos eram planos de voo da aeronave PT-RNA, tipo E-721 de propriedade do Ruben Branquinho, que para o parlamentar já era uma prova do "roubo". Esses documentos vazaram da administração da Empresa Brasileira de Infra-Estrutura Aeroportuária (Infraero). Crê o deputado que, diante desses documentos, já há provas de que Ruben Branquinho está "metendo a mão nos cofres do Estado, enriquecendo seu patrimônio". E acrescentou: "ele somente poderia comprar um avião se tivesse acertado

Banco de Dados



Narciso Mendes (FD3)

para Manoel. Integramento a comissão do governador Nabor Júnior, que não acreditava neste "bafafá" orquestrado pelos pedesistas. Admite que na gestão de Branquinho pode ter ocorrido alguns deslizes administrativos, natural em qualquer governo, mas "roubo propriamente dito é difícil de provar".

Ele garante que ao regressar, vai pedir explicações ao secretário para esclarecer este caso e bancada, não que "divulgue deixo mas para que possam defendê-lo e, consequentemente, livrar a administração de Nabor Júnior de alguns desgastes".

"AVIÃO É MEU"

Ruben Branquinho falou ontem à noite de Brasília à Folha, que "realmente o avião é meu. Não empresto, não vendo e não dou". Lembra que esse avião um sertanejo, moromator, foi adquirido no dia 2 de abril de 1982 por Cr\$ 12 milhões, com recursos próprios. "Fortaleço muito antes do dia 15 de novembro daquele ano, quando o PMDB os varreu do poder, no qual estavam hibernando há 20", observou. Essa transação está documentada na sua declaração de renda, constando in-

Foto: F7



Francisco Thaumaturgo (PMDB)



Edgar Fontes (PDS)

justamente para cessar esses abusos. Foi aí que o choro engrossou e com eles vieram as denúncias de acusações inconsistentes contra a minha pessoa", diz o secretário.

DERRUBAR PONTE

Revelou que a bancada do PDS chegou a se reunir na residência do deputado Narciso Mendes para planejar a destruição do nome de Brasília. Desse encontro participou o senador Jorge Kalume, Edgar Fontes e outros, decidindo que a ponte deveria ser derrubada para desmoralizar o PMDB e expulsá-lo do Acre, para estancar o dinamismo que ele imprimiu à frente da Setran.



José Branco (costas), Ronaldo Caiado e Adalberto Aragão, em 5 de março de 1988 aproveitaram a enchente de Rio Branco para fundação da UDR no Acre.

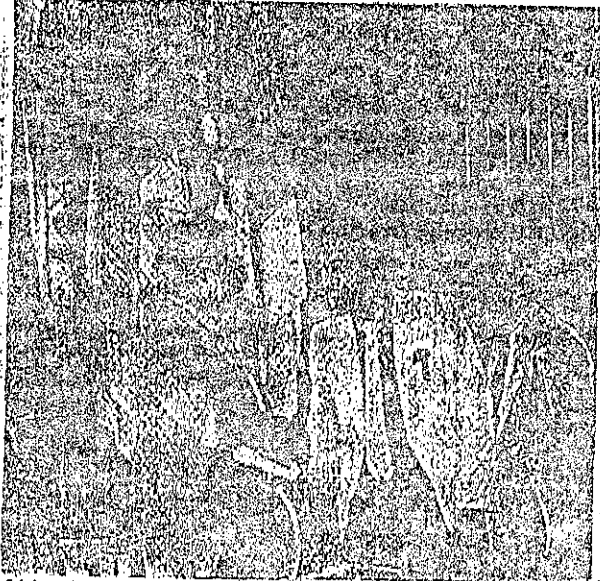
Fazendeiros articulam governo do Acre em '90

A Galeria do Stadium José de Melo, no centro de Rio Branco, é o principal reduto dos fazendeiros na capital acreana. É ali que ficam os escritórios das fazendas com as caminhonetes F.1000 ou D-20 estacionadas, e por onde circulam personagens com botas, calça jeans, chapéu de aba larga, com um único interesse: o gado. No fim da tarde eles fazem rodas para conversar, e à noite voltam a se encontrar no restaurante do aeroporto.

O lazer em Rio Branco, disse o dono do frigorífico Frisacre, Sidney Sanchez Zamora, pecuarista, "quase não existe". O frigorífico, com capacidade para abate de 300 bois por dia, foi inaugurado em novembro. Teve financiamento do Banco do Brasil em 500 mil C.T.N.s e representa para os fazendeiros a viabilização dos seus investimentos, uma vez que perdiam compatilividades nos mercados de Manaus e Porto Velho.

Agora poderão expandir para o sul do Acre, que tem um quinto de área de fazendas. Há mil e se a um churrasco na fazenda de amigos.

Outros fazendeiros, como o ex-prefeito de Rio Branco, Adalberto Aragão e Silva, que nos últimos quatro anos tornou-se um latifundiário, com terras em Xapuri, em Serra Madureira, Brasília e Rio Branco, frequentam o jogo de cartas do Rio Branco Futebol Clube. São parceiros no carteadão também o presidente da Assembleia Legislativa, Manuel Machado, que numa ocasião adquiriu capim com a verba do Legislativo, e um acumulado pro-



Chico Mendes com o latifundiário Manoel Machado.

destinado a minifundiários. Nos anos 80, para comprar carne de gado em Rio Branco era preciso chegar de madrugada nas filhas do mercado. Vinham da Bolívia, tingidas pela floresta, algumas vacas magras. Agora os fazendeiros gabam-se de vender no Acre a melhor carne do Brasil, jamais congelada. Outro sítio do Frisacre, o Betão, Edilberto Afonso de Moraes, é dono de uma cadeia com 60 casus de carne no capital, em quase todos os bairros. Para os fazendeiros, o melhor jornal do Acre é "O Rio Branco",

de Trabalhadores Rurais de Brasília, em 80, o governo Geisel desapropriou milhares de hectares para acabar com a "tensão social" e instalar Projetos de Colonização do Acre. Seguiu-se uma fase de quase calma, com a desmobilização do sindicalismo rural, exceto em Xapuri.

Um dos setores que ganhou fortunas com os quase vinte anos de pecuária no Acre foi o de venda de implementos agrícolas nas casas Agrobol e Agromorte, cujos donos integram a diretoria da União Democrática Ruralista. A UDR para se instalar no Acre aproveitou a enchente de fevereiro de 89, quando Ronaldo Caiado, presidente da entidade, veio ao Acre com toneladas de donativos para os desabrigados. Em setembro a UDR fez o primeiro leilão, com Cr\$ 50 milhões arrecadados, até mesmo das botas de Caiado.

A política agora é a mais recente aquisição dos fazendeiros, que queriam sempre dar dinheiro para candidatos "pouco orgânicos" para seus interesses. Em 86 o setor elegeram um deputado estadual pelo PFL, João Tezza Filho, e o deputado federal Rubem Branquinho, pelo PMDB. Mas perdeu para o governo quando Branquinho foi vetado de ser candidato a prefeito, com a alegação de que iria "desacrossitar" a política local, e "rondonizar" o Acre. Em 90 os fazendeiros querem o governo e acenam com uma possível candidatura pelo PMDB: o ex-prefeito Adalberto Aragão e Silva, que João Branco diz ser o mais forte adversário do candidato do governador Flavia-

ralista, João de Castro Branco. O outro diário, "A Gazeta", que não nega espaço para narrar os fatos da morte de Chico Mendes, é visto com mais olhos pelos pecuaristas, que temem que a opinião pública seja mobilizada ainda mais contra eles.

Não foi tão feliz a chegada dos fazendeiros no Acre na década de 70, quando tiveram de enfrentar uma barreira de fogo tocada pela Igreja, Contag e setores da imprensa, que denunciavam a expulsão de seringueiros, espanca-

GAZETA DO ACRE
 DIA 23/11. PAG. 10
 ANO 86. "DDII-AC"
 ASSURIO *Carmita Mendes*

DO ACRE

RIO BRANCO-AC. 23-11-84

mênos em legislatura passada.

MARIA LÚCIA (PMDB) — Eleita com alguns méritos próprios, pelo trabalho assistencialista que realizou na Fubica, mas em grande parte ajudada pelo Governador eleito Flávio Melo. É a única mulher que os acreanos estão mandando para a Constituinte, mas os movimentos feministas não poderão exigir muito de Maria Lúcia que, talvez por ter ficado durante muitos anos fora da política, não está por dentro dos grandes debates que se fazem neste campo. Profissão: Professora. Maria Lúcia deve sentar na bancada dos moderados do PMDB em algumas questões e em outras, na dos conservadores.

RUBEN SOARES BRANQUINHO (PMDB) — Dos candidatos eleitos pelo PMDB é um dos mais polêmicos. Durante a campanha chegou a ser denunciado por rumores com a Coligação. Está sendo eleito pelas postas que constituem como secretário dos Transportes, mas sobretudo pelo apoio que recebeu dos fazendeiros subitas. Embora não exista a UDR organizada no Acre, Brinquinho tem sido um dos candidatos escolhidos por esta entidade para representá-la na Constituinte. Profissão: engenheiro civil.

GERALDO FLEMING (PMDB) — Vai para o terceiro mandato, embora com uma votação menos expressiva do que aquela que se supunha. Ex-capitão do Exército, um dos políticos mais experientes do Acre, faz parte da Executiva Nacional do PMDB e senta na bancada dos conser-

vadores. Sua atuação na Constituinte também deverá se pautar por esta ideologia.

OSMIR LIMA (PMDB) — Durante três anos, como presidente do Banacre trabalhou para ser candidato a vice-governador. Perdeu para o deputado Edson Cadaxo, protestou e chorou até que o deputado Aluísio Bezerra cedeu sua vaga para deputado federal. Vem eleito por Cruzelândia do Sul, mas deve estar convencido que o "balrismo" do Juruá já não rende tantos votos como se supunha. Profissão: bancário. Nas rodas políticas, Osmir sempre faz questão de posar de progressista, mas foi eleito com a ajuda de amigos, sobretudo comerciantes de Rio Branco e Cruzelândia do Sul.

JOÃO MAIA (PMDB) — Se for eleito, a UDR encontrará em João Maia um adversário à altura. Ex-delegado regional da Contag, João Maia foi um dos principais fundadores dos sindicatos dos trabalhadores rurais no Acre e Sul do Amazonas, que fizeram história sobretudo na década passada. Foi também um dos fundadores do PT no Estado, partido pelo qual se candidatou em 1982 a deputado federal, e saiu dele em seguida por divergências com alguns grupos petistas. Andou um tempo sumido; ingressou no PMDB, saiu em campanha nos municípios do Vale do Acre, retomando o contato com os trabalhadores rurais. Se se mantiver coerente com suas origens, o Acre estará bem representado na Constituinte.

NARCISO MENDES (PDS) — O deputado Narciso

Mendes pode até se vangloriar de ter sido o mais votado do PDS, mas não resta dúvida que foi um dos principais responsáveis pela derrota e, talvez, o fim do partido no Acre, porque, literalmente, "comprou" tudo o que restava ainda da agremiação. Malufista declarado, deverá sentar na Câmara Federal ao lado de Amaral Neto e outros políticos de extrema direita. E se se comportar na Câmara como se comportou na Assembleia Legislativa, os acreanos ainda passarão vergonha por sua causa.

ALÉRCIO DIAS (PFL) — Foi, de certo modo, uma das surpresas dessas eleições. É que muitos não sabiam que durante os quatro anos de seu primeiro mandato como deputado federal, Alécio manteve-se sempre perto do seu eleitorado. Além disso, na hora certa, soube pular do barco pedessista, para fundar aqui no Estado o PFL. Profissão: advogado. Votou em Maluf, segundo ele, por "consciência partidária" (na época ainda pertencia ao PDS), mas hoje se diz um fervoroso adepto das teses liberais do seu partido, o PFL.

FRANCISCO DIÓGENES (PDS) — Desta vez, o empresário Francisco Diógenes não gastou seu dinheiro em vão. Enfrentou num dos seus principais redutos, Cruzelândia do Sul, Nasser do Almeida Ralida Pereira, João Soares de Figueiredo, Tota e sua mulher, Maria das Vitórias. É possível que, se eleito, haja no PDS para fugir do estigma dessa sigla, mas na Constituinte deverá defender as teses do Capital.

Ed. de Acre
 Dia 19/6/64, Pag. 1
 Ano 84 CDDH-AC
 Assunto: Político-social

Folha

13

RIO BRANCO, TERÇA-FEIRA, 19 DE JUNHO DE 1964 - Folha do povo ANO II -

Fazendeiros boicotam a Exposição Agropecuária

A XIII Exposição Agropecuária e Industrial de Rio Branco, programada pelo Governo para ser realizada no período de 21 a 29 de junho foi adlada para a segunda quinzena de agosto. A mudança de datas está relacionada à rotunda de apoio ao evento, pela classe dos fazendeiros, que está descontente com a posição do Governo do Estado sobre os problemas entre posseiros e proprietários em Xapuri.

Em reunião da Federação da Agricultura no Acre com o governador, Nêstor Júnior teria afirmado que compramos esse estabelecido com os seringueiros nas eleições passadas, a comunicou aos proprietários que ficaria do lado deles. Os fazendeiros, em seguida, convocaram nova reunião com o secretário Adalberto Aragão Silve, da Indústria e Comércio, e Rubem Branquinho, dos Trans-

portes, para afirmar que tinham autorização do desmatar áreas para criar gado, com documentação do Incri e IBDF em ordem. Nessa ocasião cobraram posição do Governo e decidiram retirar o apoio à Feira e de participação em qualquer evento do Governo, enquanto não ficasse resolvido o problema de terras em Xapuri.

O governo criou uma comissão para resolver a questão cujo decreto ainda não foi assinado e que será integrada pelo Sindicato e Federação dos Trabalhadores Rurais, Federação da Agricultura, representantes do INCRA e IBDF, da Igreja, da Secretaria do Desenvolvimento Agrário (Antônio Carlos Carbonel) e do Assessor para Assuntos Fundiários do gabinete do Governador, João Maia. A imprensa participa como observadora.

O secretário de Segurança Fernando Moreno Maia, assinala que "não adianta querer envolver força policial e que o problema é eminentemente social". Setores do Governo afirmam que os acontecimentos hoje em Xapuri são da alçada da Justiça e no mesmo tempo defendem a importância da negociação para se chegar a uma solução harmoniosa entre as partes envolvidas.

Apesar das circunstâncias, o secretário Adalberto Aragão acentua que "com pecuarista ou sem pecuarista, faremos a Feira. Acredito que iremos convencer os pecuaristas a participar, pelos produtos deles e o trabalho deles é que será exposto. Os pecuaristas só têm a ganhar. Tenho certeza que contarei com a compreensão deles. A Feira foi adlada em decorrência das ostradas", disse.

Posseiros rejeitam acordo

Em encontro realizado ontem pela manhã em Xapuri, 50 dos 80 posseiros do seringal "Cachoeira" rejeitaram a proposta dos novos proprietários daquela seringal, de receberem indenização em lotes de 55 a 100 hectares, preferindo permanecer em suas colocações e lutar contra o desmatamento.

O fazendeiro Júlio Maia, da Bragança Paulista, que represen-

ta outros três sócios, pediu a honra que convocasse os seringueiros para acordo. A sua proposta ora a de que os seringueiros comparecessem aos poucos, mas o Sindicato dos Trabalhadores Rurais recomendou que vissem todos de uma vez.

Depois de quase hora o mais da reunião, durante a qual os posseiros falaram de seus problemas e da importância de per-

manecerem trabalhando no extrativismo, o fazendeiro Júlio Maia e o representante do Incri admitiram que se chegara a um impasse e que é necessário promover um novo encontro para negociação. Os seringueiros aceitam o seguinte acordo: que os fazendeiros coloquem um representante da confluência deles para administrar o seringal.